



VI Congresso Internacional de Educação- Neurociência e educação- entrelaçamentos entre saúde, aprendizagem e envelhecimento



COGNIÇÃO, EMOÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL: DESAFIOS DO USO ABUSIVO DE REDES SOCIAIS POR ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

André Geazi da Silva Moreira
Dandária Giane Souza Nunes
Universidade Federal do Maranhão
andre.gsm@discente.ufma.br
dandaria.nunes@discente.ufma.br

RESUMO

O uso intensivo de redes sociais tem se consolidado como um fenômeno marcante entre estudantes, incluindo aqueles atendidos pela Educação Especial, que podem apresentar maior vulnerabilidade aos efeitos negativos do ambiente digital. Este estudo, de natureza qualitativa e desenvolvido por meio de revisão bibliográfica, analisou artigos científicos, relatórios internacionais e obras clássicas e contemporâneas que investigam a relação entre mídias digitais, saúde mental e processos cognitivos em estudantes com deficiência. A análise evidenciou que o uso abusivo das redes sociais está associado ao comprometimento de funções cognitivas essenciais, como atenção, memória operacional e autorregulação, aspectos fundamentais para a aprendizagem e o desenvolvimento acadêmico. Além disso, foram observados impactos emocionais relevantes, incluindo ansiedade, dependência digital, queda da autoestima e aumento da sensação de inadequação, frequentemente intensificados por dinâmicas de comparação social e validação externa características dessas plataformas. Questões éticas, como exposição excessiva, invasão de privacidade e vulnerabilidade a fake news, também se mostraram centrais, indicando maior suscetibilidade de estudantes com deficiência à desinformação e à manipulação algorítmica. Os resultados evidenciam a necessidade de práticas escolares que promovam o uso consciente e crítico das tecnologias, articulando formação docente, alfabetização midiática e políticas de proteção digital. Conclui-

se que a mediação pedagógica é indispensável para transformar o ambiente virtual em um espaço inclusivo, seguro e favorável ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes da Educação Especial.

Palavras-chave: Educação Especial. Redes Sociais. Cognição. Saúde Emocional. Inclusão Digital.

ABSTRACT

The intensive use of social media has become a prominent phenomenon among students, including those served by Special Education, who may present greater vulnerability to the negative effects of the digital environment. This qualitative study, conducted through a literature review, analyzed scientific articles, international reports, and both classical and contemporary works that investigate the relationship between digital media, mental health, and cognitive processes in students with disabilities. The analysis revealed that the excessive use of social networks is associated with impairments in essential cognitive functions, such as attention, working memory, and self-regulation—fundamental aspects for learning and academic development. In addition, significant emotional impacts were observed, including anxiety, digital dependence, decreased self-esteem, and increased feelings of inadequacy, often intensified by dynamics of social comparison and external validation typical of these platforms. Ethical issues, such as excessive exposure, invasion of privacy, and vulnerability to fake news, also emerged as central concerns, indicating greater susceptibility of students with disabilities to misinformation and algorithmic manipulation. The findings highlight the need for school practices that promote conscious and critical use of technologies, integrating teacher training, media literacy, and digital protection policies. It is concluded that pedagogical mediation is essential to transform the virtual environment into an inclusive, safe, and supportive space for the cognitive, emotional, and social development of students in Special Education.

Key words: Special Education. Social Media. Cognition. Emotional Health. Digital

Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem apresentado transformações substanciais em função da expansão das tecnologias digitais, sobretudo das redes sociais, que se estabeleceram como espaços de interação social, transmissão de informações e desenvolvimento do conhecimento (Castells, 2009). No contexto educacional, tais ambientes digitais possuem potencial significativo para apoiar processos de ensino e aprendizagem; contudo, também introduzem desafios emergentes relacionados ao uso abusivo dessas tecnologias, especialmente no que concerne às consequências cognitivas e emocionais. Entre os estudantes da Educação Especial - que incluem indivíduos com deficiências intelectuais, transtornos do espectro autista (TEA) e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) - a exposição excessiva às redes sociais pode gerar impactos amplificados devido às vulnerabilidades pré-existentes em funções executivas, regulação emocional e habilidades socioadaptativas.

Estudos recentes apontam que o uso excessivo das mídias sociais está diretamente associado a alterações significativas na atenção, memória, autorregulação emocional e no comportamento social de jovens e adolescentes. Nesse sentido, Rosa (2025) evidencia que o uso excessivo de plataformas digitais pode intensificar sintomas de ansiedade, irritabilidade e dificuldades de autorregulação, além de contribuir com comportamentos de dependência digital, especialmente entre estudantes em situação de vulnerabilidade. Esses resultados reforçam que os efeitos cognitivos e emocionais decorrentes da exposição abusiva às redes sociais têm impacto direto sobre o desenvolvimento e o bem-estar de estudantes da Educação Especial, cujas funções executivas já podem apresentar maior sensibilidade a estímulos digitais. Somam-se a esses fatores a crescente circulação de informações falsas (fake news) e os riscos de invasão de privacidade, que tendem a potencializar níveis de estresse, ansiedade e a sensação de insegurança em usuários jovens, especialmente aqueles que dependem de mediação pedagógica para navegar no ambiente digital. Esse cenário torna-se ainda mais preocupante quando se considera que, desde a ascensão da tecnologia, o uso de redes sociais vem crescendo exponencialmente, impulsionando a necessidade constante de recorrer a mídias digitais para acelerar a comunicação e o acesso à informação. Nesse sentido, Silva, Ramalho e Laport (2023) afirmam que a elevada frequência de uso das redes sociais, sobretudo entre jovens, desperta uma sensação de conquista e novidade que tende a intensificar o desejo por novos estímulos, reforçando um ciclo de busca contínua por essa experiência prazerosa. Para adolescentes — período caracterizado por intensas mudanças físicas, hormonais e neurobiológicas — tal prática passou a integrar de forma naturalizada o cotidiano dos estudantes, porém capaz de desencadear problemas neuropsíquicos, especialmente a ansiedade, frequentemente reconhecida como a “doença do século XXI” (Souza et al., 2023). Diante desse cenário, emerge a necessidade de reflexão crítica e aprofundada acerca do papel desempenhado pela escola inclusiva e pelo professor no que tange a promoção do uso consciente das tecnologias digitais, e na preservação do desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos.

No âmbito da Educação Especial, a mediação tecnológica assume um papel essencial, uma vez que as novas ferramentas e tecnologias educacionais são apontadas como meios para transformar a escola e promover uma inclusão efetiva, baseada em novos paradigmas e preceitos (Mantoan, 2003). Portanto, compreender os efeitos decorrentes do uso abusivo de mídias digitais e identificar estratégias pedagógicas de intervenção, configuram-se como aspectos fundamentais para o desenvolvimento de práticas educativas inclusivas e seguras, que considerem as particularidades cognitivas e socioemocionais dos estudantes. Essa necessidade constitui a justificativa do presente estudo, cujo desenvolvimento se apoia em uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, voltada à análise crítica de pesquisas sobre o tema. Como

questões norteadoras, busca-se compreender: quais são os principais impactos cognitivos e emocionais associados ao uso excessivo de redes sociais entre estudantes da Educação Especial? E como esses impactos podem afetar o processo de aprendizagem e a inclusão escolar? Ressalta-se, ainda, que este estudo se limita ao campo teórico, não envolvendo coleta de dados empíricos.

Em decorrência do exposto, o presente estudo tem como objetivo geral investigar os impactos cognitivos e emocionais do uso desregulado de redes sociais em estudantes da Educação Especial, analisando como essas práticas digitais exercem efeito sobre o aprendizado, o bem-estar psicológico e a inclusão escolar, com o objetivo de respaldar estratégias pedagógicas mais eficazes e seguras no contexto da educação inclusiva.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. As redes sociais e a sociedade em rede na educação inclusiva

A sociedade contemporânea vive um processo irreversível de transformação social, cultural e cognitiva provocado pela expansão das tecnologias digitais e, em especial, das redes sociais. De acordo com Castells (2009), vivemos na “sociedade em rede”, uma estrutura social organizada em torno da informação e da comunicação digital, na qual o conhecimento circula e se produz de forma descentralizada e colaborativa. Esse novo paradigma impacta diretamente a educação, que precisa ressignificar suas práticas e metodologias diante de uma geração hiperconectada e multitarefa.

No contexto da Educação Especial, essa transformação exige ainda mais atenção, uma vez que a tecnologia, quando usada de forma planejada e crítica, pode ser um importante instrumento de inclusão, oferecendo novos meios de expressão e aprendizagem a estudantes com deficiência. Entretanto, o uso indiscriminado das redes sociais pode transformar essa potencialidade em vulnerabilidade, especialmente quando não há acompanhamento docente e orientação sobre o uso ético e equilibrado das mídias digitais.

Lévy (1999) descreve a cibercultura como um fenômeno em constante transformação, caracterizado pela fluidez do digital e pela velocidade das mudanças tecnológicas. Essa dinamicidade possibilita a ampliação do acesso ao conhecimento e o surgimento de novas formas de inteligência coletiva, nas quais o saber é construído de maneira colaborativa e distribuída. Contudo, para que essa coletividade digital seja de fato inclusiva, é necessário considerar as diferenças cognitivas e emocionais entre os sujeitos. Mantoan (2003) reforça que a inclusão escolar não se resume ao acesso físico à escola, mas à efetiva participação de todos

os alunos nos processos de aprendizagem. Assim, compreender a dinâmica das redes sociais no cotidiano escolar e suas implicações para a Educação Especial torna-se essencial para garantir o desenvolvimento integral dos estudantes.

A inserção de estudantes com deficiência nas redes sociais, sem uma mediação adequada, pode reforçar barreiras invisíveis. Enquanto alguns alunos podem usar as plataformas como espaço de socialização e pertencimento, outros podem sentir-se excluídos, sofrer com a comparação social ou se tornar vítimas de cyberbullying. Portanto, a cultura digital, embora repleta de possibilidades, traz consigo uma série de desafios que precisam ser compreendidos sob a ótica da inclusão e da responsabilidade pedagógica.

2.2. Impactos cognitivos e emocionais do uso abusivo de redes sociais

O uso abusivo de redes sociais tem sido objeto de crescente preocupação na literatura científica, especialmente no campo da psicologia educacional e da neurociência cognitiva, uma vez que a exposição prolongada a estímulos digitais pode afetar diretamente funções como atenção, memória e autorregulação emocional. Em estudantes da Educação Especial, esses impactos tendem a ser mais significativos devido às vulnerabilidades cognitivas e emocionais preexistentes, que dificultam o controle do tempo de uso e a filtragem crítica das informações consumidas.

Vygotsky (1998) enfatiza que o desenvolvimento cognitivo é um processo mediado culturalmente. Nesse sentido, as redes sociais, como ambientes simbólicos de interação, exercem papel direto na formação do pensamento, da linguagem e das funções psicológicas superiores. No entanto, quando o sujeito se torna dependente desses estímulos digitais, a mediação simbólica perde sua função educativa e passa a interferir negativamente no aprendizado. Souza e Cunha (2019) apontam que o cyberbullying e a depressão estão entre os principais riscos associados ao uso excessivo das tecnologias digitais. As autoras destacam ainda que alterações de humor e comportamento, bem como a necessidade constante de permanecer conectado, constituem sinais relevantes de possíveis comprometimentos à saúde mental dos adolescentes.

Em termos emocionais, Souza e Cunha (2019) evidenciam que o uso excessivo das redes sociais está associado a uma ampla gama de riscos à saúde mental dos adolescentes, incluindo alterações de humor, ansiedade, depressão, vulnerabilidade afetiva, baixa autoestima, isolamento social e até manifestações mais graves, como comportamentos de dependência, distúrbios de personalidade e risco de ideação suicida. Esses efeitos tendem a ser ainda mais complexos entre estudantes da Educação Especial, uma vez que esse público pode apresentar

maior dificuldade em interpretar nuances sociais e emocionais presentes nas interações virtuais, tornando-se mais suscetível à rejeição e ao isolamento.

Além disso, com base em Lemos (2020), torna-se essencial compreender que o uso excessivo e inadequado da Internet e das redes sociais pode comprometer a saúde mental dos indivíduos, uma vez que interfere na regulação da satisfação de necessidades psicológicas básicas. Esses padrões de utilização, quando intensificados, podem favorecer comportamentos disfuncionais e vulnerabilidades emocionais relacionadas ao ambiente digital. Tal condição pode prejudicar o desempenho escolar e reduzir o interesse por atividades presenciais, reforçando padrões de evitação e desatenção. Assim, a escola inclusiva precisa atuar não apenas como espaço de aprendizado formal, mas também de reeducação digital, ajudando os alunos a estabelecer limites saudáveis de uso e a compreender os efeitos das interações virtuais sobre seu bem-estar cognitivo e emocional.

2.3. Desafios éticos e pedagógicos: fake news, privacidade e mediação docente

O avanço das redes sociais também trouxe desafios éticos e pedagógicos que se refletem diretamente na Educação Especial. Entre eles, destacam-se a disseminação de fake news, a violação da privacidade e a manipulação algorítmica que molda o comportamento dos usuários. Portugal e Souza (2020) observam que adolescentes utilizam as redes sociais para expressar interesses, construir identidade e buscar validação constante, mas também tendem a envolver-se em conflitos, interpretações equivocadas e discussões desnecessárias, o que evidencia a influência dessas plataformas sobre a forma como interagem e avaliam informações no ambiente digital.

Para estudantes da Educação Especial, essa limitação cognitiva e informacional torna-se ainda mais preocupante, uma vez que muitos apresentam dificuldades para avaliar a veracidade dos conteúdos e acabam confiando com maior facilidade em informações falsas. Santos e Oliver (2022) destacam que o ambiente virtual constitui um espaço significativo de participação social para jovens com deficiência, favorecendo processos de autorreconhecimento, sociabilidade e construção de identidades. Contudo, embora essas interações ampliem oportunidades de inclusão, elas também são atravessadas por contradições estruturais, como manifestações de capacitismo e episódios de discriminação que marcam a vivência digital desse público. Essa condição de vulnerabilidade é intensificada pela ausência de políticas educacionais eficazes voltadas à promoção de uma alfabetização midiática verdadeiramente inclusiva.

Nesse contexto, o papel do professor torna-se central, o docente inclusivo precisa atuar não apenas como transmissor de conhecimento, mas como mediador social e ético, ajudando os alunos a desenvolver consciência digital, empatia e senso crítico. A intervenção pedagógica deve promover o uso ético e responsável das tecnologias, incentivando a autonomia, o diálogo e o respeito. A escola, portanto, deve ser um espaço de construção de competências digitais críticas, em que o estudante da Educação Especial seja não apenas consumidor, mas produtor consciente de informações.

Ao enfrentar esses desafios, a educação inclusiva contribui para a formação integral do sujeito, unindo a alfabetização tecnológica à alfabetização ética. Assim, a inclusão digital não se limita ao acesso técnico, mas envolve a capacidade de agir de forma crítica, responsável e segura no ambiente virtual, o que é essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional saudável.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório, voltada à análise de produções científicas sobre os impactos do uso intensificado das redes sociais no desenvolvimento cognitivo e emocional de estudantes da Educação Especial. Segundo Gil (2019), a revisão bibliográfica consiste em um estudo sistemático baseado em material já publicado, permitindo ao pesquisador analisar, comparar e sintetizar diferentes perspectivas teóricas sobre um determinado tema.

3.1. Tipo e abordagem da pesquisa

Neste trabalho, optou-se por uma abordagem qualitativa e descritiva, uma vez que o objetivo central é compreender os efeitos e implicações do uso excessivo das redes sociais sob o ponto de vista cognitivo e emocional de alunos com deficiência, à luz de referenciais teóricos da Psicologia da Educação e da Educação Inclusiva. De acordo com Severino (2017), a pesquisa exploratória é apropriada quando há necessidade de aprofundar a compreensão sobre fenômenos ainda pouco discutidos ou quando se busca formular hipóteses e reflexões teóricas para investigações futuras. Assim, a revisão bibliográfica aqui proposta pretende identificar e sistematizar os principais achados sobre o tema, analisando convergências e lacunas existentes na literatura.

3.2. Procedimentos metodológicos

A busca bibliográfica foi realizada nas bases Google Acadêmico, SciELO, Periódicos CAPES e ERIC (Education Resources Information Center). Optou-se por essas bases por cobrirem literatura científica nacional e internacional, incluindo periódicos, teses, dissertações e relatórios técnicos relevantes para educação e saúde mental. As pesquisas empregaram descritores combinados por operadores booleanos para garantir abrangência e foco temático. Exemplos de estratégias utilizadas incluem: “redes sociais” AND “educação especial”, “uso abusivo” AND “impactos cognitivos e emocionais”, “educação inclusiva” AND “tecnologia”, “dependência digital” AND “aprendizagem escolar”. Quando pertinente, as buscas foram refinadas para incluir termos relacionados (por exemplo, “fake news”, “privacidade digital”, “TDAH”, “TEA”, “deficiência intelectual”) e filtros de idioma (português, inglês e espanhol).

Como critérios de inclusão, consideraram-se artigos, dissertações e livros publicados, escritos em português, inglês ou espanhol, que abordassem diretamente a relação entre redes sociais, cognição, emoção e inclusão escolar. Foram excluídos materiais de caráter opinativo, sem respaldo científico, bem como publicações duplicadas ou que tratassem de redes sociais sob a ótica exclusivamente técnica ou mercadológica.

O processo de seleção consistiu nas etapas de triagem de título e resumo, leitura na íntegra e avaliação crítica. Primeiramente, foram lidos títulos e resumos para identificação preliminar de relevância. Em seguida, os textos selecionados foram lidos integralmente para confirmar o atendimento aos critérios de inclusão. As informações pertinentes a cada estudo (autor, ano, objetivo, método, amostra, principais resultados e implicações pedagógicas) foram estudadas para a extração de dados para posterior análise comparativa.

Por se tratar de revisão bibliográfica com materiais públicos, a pesquisa não envolveu sujeitos humanos e, portanto, não requereu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Mesmo assim, observou-se o rigor ético na atribuição correta de créditos e no respeito aos direitos autorais, citando adequadamente todas as fontes consultadas.

Em síntese, os procedimentos metodológicos desta revisão envolveram buscas sistemáticas em bases selecionadas, triagem criteriosa por critérios previamente definidos, extração e organização padronizada das informações e análise qualitativa por meio de categorização temática. Esse desenho metodológico possibilitou a construção de um panorama crítico e fundamentado sobre os impactos cognitivos e emocionais do uso abusivo de redes sociais em estudantes da Educação Especial, bem como a proposição de implicações pedagógicas e pistas para investigações futuras.

3.3. Limitações da pesquisa

Como toda revisão bibliográfica, esta pesquisa apresenta limitações quanto à atualização e disponibilidade das fontes, uma vez que a produção científica sobre o tema é dinâmica e em constante expansão. Além disso, por não envolver aplicação empírica, os resultados refletem interpretações teóricas e análises comparativas dos autores consultados, não sendo generalizáveis a todas as realidades escolares. Entretanto, conforme Marconi e Lakatos (2021), revisões bibliográficas têm relevância significativa por sintetizarem o conhecimento existente e indicarem novas direções para investigações futuras. Assim, espera-se que o presente estudo contribua para reflexões sobre práticas pedagógicas mais conscientes e inclusivas frente aos desafios do mundo digital.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão bibliográfica realizada permitiu identificar que o uso abusivo das redes sociais tem provocado impactos significativos nas dimensões cognitivas e emocionais dos estudantes da Educação Especial, com repercussões diretas na aprendizagem, na socialização e na saúde mental. Os estudos analisados apontam que a presença intensa das mídias digitais no cotidiano escolar e pessoal desses alunos tem se mostrado ambígua: ao mesmo tempo em que promove inclusão comunicacional e acesso à informação, pode também agravar dificuldades cognitivas, emocionais e comportamentais preexistentes.

4.1. Efeitos cognitivos do uso abusivo de redes sociais

Os resultados encontrados indicam que a exposição prolongada às redes sociais interfere diretamente na atenção, memória e concentração — funções cognitivas essenciais ao processo de aprendizagem. Silva, Ramalho e Laport (2023) explicam que a exposição intensificada a aplicativos como TikTok, Instagram, Twitter e WhatsApp tem ampliado os impactos físicos e psicológicos associados ao uso das redes sociais. Segundo os autores, a sensação de prazer momentâneo experimentada pelos usuários decorre da liberação de dopamina, mecanismo que favorece o surgimento de comportamentos de dependência e a manutenção de um ciclo vicioso de busca por recompensas imediatas. Eles ainda destacam que a Teoria Cognitivo-Comportamental se apresenta como uma das abordagens mais eficazes para o enfrentamento desse quadro, por atuar na reestruturação de pensamentos e padrões comportamentais relacionados ao uso excessivo. Em alunos com Transtorno do Déficit de Atenção e

Hiperatividade (TDAH) ou deficiência intelectual leve, essa interferência tende a ser ainda mais intensa, resultando em dispersão cognitiva e dificuldades de permanência nas tarefas escolares.

Vygotsky (1998) já apontava que o desenvolvimento cognitivo é mediado socialmente e depende da qualidade das interações simbólicas. Quando essas interações são substituídas por estímulos digitais fragmentados, ocorre uma quebra na construção significativa do conhecimento, afetando a internalização conceitual e o pensamento abstrato. Nesse sentido, o uso abusivo das redes pode gerar aprendizagem superficial, pautada em informações rápidas, sem reflexão crítica.

Além disso, estudos de Ramos e Vieira (2020) apontam que a interação frequente com tecnologias digitais envolve a exposição simultânea a múltiplos estímulos, demandando diferentes tipos de atenção, como a atenção dividida, alternada, concentrada e sustentada. Segundo os autores, esse padrão de uso pode fragmentar o foco e alterar o modo como os indivíduos regulam sua atenção, prejudicando a capacidade de manter o esforço cognitivo contínuo e impactando a eficácia dos processos de aprendizagem. Essa tendência é preocupante entre estudantes da Educação Especial, cujos processos cognitivos já demandam maior tempo de assimilação e estratégias diferenciadas de ensino.

Assim, evidencia-se a necessidade de práticas pedagógicas mediadas que promovam o uso funcional e planejado das tecnologias, de modo a favorecer o aprendizado significativo em detrimento da dispersão e da sobrecarga cognitiva.

4.2. Repercussões emocionais e sociais

A literatura também demonstra que o uso excessivo das redes sociais impacta diretamente o equilíbrio emocional dos estudantes. De acordo com Valkenburg e Meier (2022), o uso excessivo das mídias sociais pode gerar impactos significativos na saúde mental, sendo fortemente relacionado ao aumento de sintomas depressivos. As autoras apontam que essas plataformas funcionam como fontes contínuas de entretenimento e estímulo, tornando-se difíceis de controlar pelos usuários devido ao seu caráter viciante. Para os alunos com deficiência, que muitas vezes enfrentam estigmas e exclusões presenciais, o ambiente digital pode tanto representar um espaço de pertencimento quanto um campo de vulnerabilidade emocional.

O uso intenso das redes digitais pode levar ao afastamento das interações presenciais, fazendo com que o convívio virtual acabe substituindo relações sociais mais significativas e contribuindo para situações de isolamento. Essa situação é agravada entre estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), para os quais a comunicação interpessoal já constitui

um desafio. Além disso, as redes sociais tendem a acentuar comparações sociais negativas, levando jovens com deficiência a se sentirem inadequados diante de padrões idealizados de beleza, sucesso e desempenho. Esses efeitos refletem um tipo de ansiedade ligada ao uso intenso das tecnologias digitais, em que a exposição contínua às redes sociais pode gerar sentimentos de insatisfação, solidão e esgotamento emocional.

De acordo com Mantoan (2003), a escola inclusiva precisa superar o modelo que prioriza apenas o cognitivo. A verdadeira inclusão exige considerar as dimensões afetivas, subjetivas e emocionais do processo de aprendizagem, pois é nelas que se constrói o sentido de pertencimento e de valorização das diferenças. Portanto, é imprescindível que o professor atue como mediador emocional, promovendo um ambiente digital seguro e acolhedor.

4.3. Fake news, invasão de privacidade e vulnerabilidade digital

Outro achado relevante identificado na revisão refere-se aos impactos éticos e informacionais decorrentes do uso das redes sociais, especialmente no que diz respeito à exposição inadvertida de dados pessoais e à disseminação acelerada de notícias falsas. O ambiente digital contemporâneo, estruturado por algoritmos que regulam o fluxo de conteúdo, favorece a circulação de informações que nem sempre passam por processos de verificação. Nesse contexto, a desinformação torna-se um risco concreto, principalmente para públicos que apresentam fragilidades cognitivas ou menor domínio das competências críticas necessárias à navegação segura. Essa personalização excessiva, embora aparentemente confortável, reduz o acesso a perspectivas divergentes e compromete a capacidade de análise crítica. Entre estudantes da Educação Especial, esse processo é ainda mais sensível, já que muitos apresentam dificuldades de interpretação, abstração e julgamento, o que pode favorecer a adesão automática a conteúdos falsos ou manipulados.

Somado a isso, a exposição de dados pessoais emerge como outro fator de vulnerabilidade. O compartilhamento impulsivo de imagens, informações privadas ou rotinas diárias, frequentemente realizado sem a compreensão plena dos riscos, pode resultar em episódios de constrangimento, invasão de privacidade e cyberbullying. Em alguns casos, a ausência de percepção sobre limites éticos e legais no ambiente virtual amplia a probabilidade de que esses estudantes se tornem alvos de práticas abusivas ou, inadvertidamente, as reproduzam. Trata-se de desenvolver, junto aos estudantes, competências relacionadas à segurança digital, ao pensamento crítico e ao uso ético das tecnologias, contribuindo para que possam navegar nas redes de forma mais autônoma, consciente e protegida.

Assim, a vulnerabilidade digital de alunos com deficiência não pode ser compreendida isoladamente, mas como resultado de processos sociais, pedagógicos e tecnológicos que se entrecruzam. Esse quadro evidencia a necessidade de ações articuladas entre professores, famílias e instituições de ensino, visando à construção de políticas educativas robustas que garantam proteção digital, respeito à privacidade e fortalecimento da autonomia responsável no uso das redes sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica realizada evidenciou que o uso abusivo das redes sociais entre estudantes da Educação Especial constitui um fenômeno complexo e multidimensional, cujas consequências ultrapassam os limites do entretenimento digital. Os impactos cognitivos, emocionais e éticos observados revelam um cenário que exige atenção urgente das instituições escolares, famílias e profissionais da educação.

Constatou-se que as redes sociais, embora representem um importante meio de comunicação, inclusão e acesso à informação, também se configuram como potenciais fatores de risco para a aprendizagem e o bem-estar psicológico. O uso intenso e desregulado dessas plataformas tende a comprometer funções cognitivas essenciais, como atenção, memória e raciocínio lógico, aspectos fundamentais para o desenvolvimento educacional de alunos com deficiência intelectual, TDAH ou TEA.

Além disso, os efeitos emocionais, como ansiedade, dependência, baixa autoestima e isolamento, emergem com frequência entre os estudantes analisados nas pesquisas consultadas. Tais manifestações estão associadas à dinâmica das redes, que frequentemente estimulam comparações sociais, validação externa e sobrecarga de estímulos, tornando o ambiente digital um espaço ambíguo, que pode tanto promover inclusão quanto intensificar vulnerabilidades.

Do ponto de vista ético e social, a presença de fake news, discursos de ódio e invasão de privacidade reforça a necessidade de uma alfabetização midiática e emocional no contexto da Educação Especial. Estudantes com deficiência podem apresentar maior suscetibilidade à manipulação de informações e à exposição de dados pessoais, o que evidencia a urgência de práticas pedagógicas voltadas à segurança digital e à formação crítica.

Desse modo, a escola inclusiva contemporânea deve assumir um papel ativo na mediação digital, garantindo que o uso das tecnologias favoreça o aprendizado, a autonomia e a cidadania. Conforme defendem Mantoan (2003) a inclusão não se resume à presença física do estudante com deficiência, mas à criação de condições reais de participação, pertencimento e desenvolvimento integral.

O professor, nesse cenário, assume o papel de mediador tecnológico e emocional, orientando o uso consciente das redes, promovendo reflexões sobre a veracidade das informações e incentivando o equilíbrio entre o mundo digital e as interações presenciais. Para isso, é essencial que os educadores recebam formação continuada em tecnologia assistiva, ética digital e saúde mental, possibilitando a construção de práticas pedagógicas inclusivas que respeitem os limites e potencialidades de cada aluno.

Portanto, a presente pesquisa reforça que o combate ao uso abusivo das redes sociais deve ser compreendido não como uma negação da tecnologia, mas como um movimento educativo de conscientização e responsabilidade digital. A integração equilibrada entre educação, tecnologia e inclusão é o caminho mais promissor para a construção de um ambiente escolar realmente inclusivo e saudável, capaz de preparar os estudantes da Educação Especial para atuarem criticamente na sociedade em rede.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LACERDA DA SILVA, D. R.; BATISTA LACERDA, M. E.; FERREIRA DE LIMA, A.; NUNES ALVES DE SOUSA, M. Conectados e ansiosos? O impacto das redes sociais na vida dos adolescentes. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, [S. l.], v. 6, n. 5, p. 1549–1567, 2024.

LEMOS, Carolina Franco Rosa Costa de. **Uso problemático da Internet e das redes sociais: relação com a regulação da satisfação das necessidades psicológicas e a saúde mental**. 2020. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Universidade do Porto, Porto, 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

PORTUGAL, Adriana Farias; SOUZA, Júlio César Pinto de. Uso das redes sociais na Internet pelos adolescentes: uma revisão de literatura. *RECH – Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar*, v. 4, n. 2, p. 262–291, jul./dez. 2020.

RAMOS, Daniela Karine; VIEIRA, Rui Marques. Repercussões das tecnologias digitais sobre o desempenho de atenção: em busca de evidências científicas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 25, e250048, jan. 2020.

ROSA, Erica Letícia da. Impactos da internet e das redes sociais na saúde mental de adolescentes e jovens adultos. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 11, n. 9, p. 3260–3267, 2025.

SANTOS, Vitória Silvia; OLIVER, Fátima Corrêa. Jovens com deficiências e seus modos de vida: compreensão sobre suas experiências juvenis por meio de grupo focal e participação em comunidades online. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 32, n. 1-3, p. e204931, 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, A. J. C.; RAMALHO, L. M.; LAPORT, T. J. Considerações sobre a ativação dopaminérgica na adolescência através do uso das redes sociais e a intervenção cognitivo-comportamental. *Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras*, v. 14, n. 3, p. 231–237, set./dez. 2023.

SOUZA, Ana Carolina Lustosa Araújo et al. Uso de redes sociais e desenvolvimento de ansiedade entre adolescentes. *Revista Educação em Saúde*, v. 11, supl. 1, 2023.

SOUZA, Karlla; XIMENES CARNEIRO DA CUNHA, Mônica. Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Educação, Psicologia e Interfaces*, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 204–2017, 2019.

VALKENBURG, P. M.; MEIER, A.; BEYENS, I. Social media use and its impact on adolescent mental health: An umbrella review of the evidence. *Curr Opin Psychol*, v. 44, p. 58–68, abr. 2022.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.